

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 26/07/2018.

CANDICE ANGÉLICA BORBOREMA DE CARVALHO

ANTONIO CANDIDO E A FORTUNA CRÍTICA
DE GUIMARÃES ROSA:
A RECEPÇÃO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*



CANDICE ANGÉLICA BORBOREMA DE CARVALHO

**ANTONIO CANDIDO E A FORTUNA CRÍTICA
DE GUIMARÃES ROSA:
A RECEPÇÃO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ARARAQUARA – S.P.
2016

Carvalho, Candice Angélica Borborema de
ANTONIO CANDIDO E A FORTUNA CRÍTICA DE GUIMARÃES
ROSA: A RECEPÇÃO DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS / Candice
Angélica Borborema de Carvalho – 2016
190 f.

Tese (Doutorado em Estudos Literários) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Maria Célia de Moraes Leonel

1. Guimarães Rosa. 2. Grande sertão: veredas. 3. Crítica de Antonio Candido. 4. Crítica sócio-histórica. 5. Crítica de estrutura, composição e gênero. I. Título.

CANDICE ANGÉLICA BORBOREMA DE CARVALHO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ANTONIO CANDIDO E A FORTUNA CRÍTICA DE GUIMARÃES ROSA: RECEPÇÃO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Data da defesa: 26 de julho de 2016

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel

Faculdade de Ciências e Letras

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP (Câmpus de Araraquara)

Membro titular: Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy

Universidade Estadual de Londrina

Membro titular: Prof. Dr. Prof. Dr. Sérgio Vicente Motta

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP (Câmpus de São José do Rio Preto)

Membro titular: Prof. Dr. José Antonio Segatto

Faculdade de Ciências e Letras

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP (Câmpus de Araraquara)

Membro titular: Profa. Dra. Gilca Machado Seidinger

Universidade Federal do Sul da Bahia

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Câmpus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A Maria Célia de Moraes Leonel, pela orientação séria e rigorosa;

A Cleusa Rios Pinheiro Passos, José Antonio Segatto e Gilca Machado Seidinger, pela leitura cuidadosa e muito sugestiva nos exames de qualificação do mestrado e do doutorado;

A Claudia Poncioni e Jacqueline Penjon, pela orientação e supervisão do estágio de doutoramento na Université Sorbonne Nouvelle – Paris III;

A Sérgio Vicente Motta e Maria Carolina de Godoy, por aceitarem gentilmente compor a banca de defesa;

Estendo meus agradecimentos a (em ordem alfabética) Ude Baldan, Alfredo Bosi, Rita Olivieri-Godet, Guacira Marcondes Machado Leite, Wilma Patricia Maas, Marcus Vinicius Mazzari, Luiz Roncari, Francis Utéza, Alcides Villaça, pelos esclarecimentos, reflexões e ensinamentos teóricos, pelo estímulo;

A Maria Cecilia Marks, pela leitura minuciosa do texto e pelas sugestões;

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Juliana Santini e Brunno Vieira;

À equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista, em particular, Rita Enedina Benatti Torres, Natália de Melo Castilho e Gabriel Betoni Medina;

Agradeço também ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelos recursos que me permitiram desenvolver estudos e atividades referentes à pesquisa, e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tornou possível o estágio de doutoramento na França.

C'est pourquoi il n'y a pas de symbole sans un début d'interprétation ; là où un homme rêve, prophétise ou poétise, un autre se lève pour interpréter ; l'interprétation appartient organiquement à la pensée symbolique et à son double sens.

De l'interprétation, Paul Ricoeur (1965, p.27).

Se os sinais gráficos que desenhavam a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama interpretação.

“A interpretação da obra literária”, Alfredo Bosi (2003, p.461).

Se o leitor aceitou as premissas desse ensaio, verá um movimento que afinal reconduz do mito ao fato, faz da lenda símbolo da vida e mostra que, na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe.

“O homem dos avessos”, Antonio Candido (2006b, p.130).

O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo.

Grande sertão: veredas, Guimarães Rosa (1970, p.137).

RESUMO

O objetivo desta tese consiste em verificar a evolução da fortuna crítica de *Grande sertão: veredas*. Os pressupostos do enfoque escolhido inscrevem-se na perspectiva histórica que rege a concepção de sistema literário teorizada por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, de 1959. Tomando como ponto de partida os escritos do mesmo Antonio Candido sobre Guimarães Rosa, o propósito é analisar as relações de descendência e de renovação que com eles estabelecem duas linhagens da crítica: os ensaios sociológicos, historiográficos e políticos e os ensaios de estrutura, composição e gênero. Foram examinadas as fases que se sucederam na recepção crítica de *Grande sertão: veredas* e o processo de internacionalização das leituras do romance, em particular sua recepção na França. Fez-se o levantamento de alguns dos conceitos mais salientes do projeto crítico de Antonio Candido e seus desdobramentos na crítica literária brasileira. Os escritos de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa analisados são: as resenhas de *Sagarana* e de *Grande sertão: veredas*, o ensaio pioneiro sobre o romance, “O homem dos avessos”, “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”. No que se refere aos ensaios sociológicos, historiográficos e políticos sobre o romance, foram investigados: *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão, *grandesertão.br*, de Willi Bolle, *Lembranças do Brasil*, de Heloisa Starling, *O Brasil de Rosa*, de Luiz Roncari. Quanto aos ensaios de estrutura, composição e gênero, destacam-se: “*Grande sertão: a fala*” e “*Grande sertão e Dr. Faustus*”, de Roberto Schwarz, “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, de Davi Arrigucci Jr., “Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”, de Marcus Mazzari. Metodologicamente, este trabalho orienta-se pelos estudos comparativos, mas com uma especificidade: o objeto de comparação é a crítica e não a criação literária. São apurados o método crítico e os fundamentos de cada ensaio em sua integridade. Entendendo que tais leituras interagem no tempo, procuramos desvendar o movimento dialético de aproximação e distanciamento operado entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. Crítica de Antonio Candido. Crítica sócio-histórica. Crítica de estrutura, composição e gênero.

RÉSUMÉ

Le propos de cette thèse est d'examiner l'évolution de la fortune critique de *Diadorim*. Les présupposés retenus s'inscrivent dans la perspective historique qui régit la conception du système littéraire théorisée par Antonio Candido dans *Formação da literatura brasileira*, en 1959. Il s'agit d'analyser, sur la base des écrits de cet auteur au sujet de la littérature de Guimarães Rosa, les relations de descendance et de rénovation qui forment, avec ces écrits, deux lignes de critique : les essais sociologiques, historiographiques et politiques ; les essais de structure, de composition et de genre. Ainsi, les différentes phases de la réception critique de *Diadorim* et le processus d'internationalisation des lectures du roman, notamment sa réception en France, sont étudiés. La thèse recueille quelques concepts clés du projet critique d'Antonio Candido, ainsi que leurs développements dans la critique littéraire brésilienne. À propos des écrits d'Antonio Candido sur Guimarães Rosa, les textes analysés sont les suivants : les comptes-rendus sur *Sagarana* et *Diadorim*, l'essai pionnier sur le roman, « *O homem dos avessos* », « *Jaguços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa* », « *Literatura e subdesenvolvimento* » (« Sous-développement et littérature en Amérique Latine ») et « *A nova narrativa* ». Pour les essais sociologiques, historiographiques et politiques, il s'agit de : *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão, *grandesertão.br*, de Willi Bolle, *Lembranças do Brasil*, de Heloisa Starling, *O Brasil de Rosa*, de Luiz Roncari. Quant aux essais de structure, de composition et de genre, l'examen s'est porté sur : « *Grande sertão: a fala* » et « *Grande sertão et Dr. Faustus* », de Roberto Schwarz, « *O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa* », de Davi Arrigucci Jr., « *Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem* », de Marcus Mazzari. Méthodologiquement, ce travail s'oriente sur les études comparatives, mais il fait preuve d'une certaine spécificité : l'objet de la comparaison est la critique et non pas la création littéraire. La méthode critique et les fondements de chaque essai sont intégralement analysés. Eu égard à l'interaction dans le temps de telles lectures, nous avons cherché à révéler le mouvement dialectique de rapprochement et de distanciation qui opère entre elles.

MOTS-CLÉS : Guimarães Rosa. *Diadorim*. Critique d'Antonio Candido. Critique socio-historique. Critique de structure, composition et genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Grande sertão: veredas</i> : capas brasileiras	36
Figura 2.1	<i>Grande sertão: veredas</i> : capas estrangeiras	37
Figura 2.2	<i>Grande sertão: veredas</i> : capas estrangeiras	38
Figura 2.3	<i>Grande sertão: veredas</i> : capas estrangeiras	39

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	12
1 VERTENTES DA CRÍTICA DE <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>	19
2 ANTONIO CANDIDO: A DIALÉTICA ENTRE O LOCAL E O UNIVERSAL.....	34
2.1. Preliminares: Antonio Candido e a crítica literária no Brasil.....	34
2.2. As resenhas de <i>Sagarana</i> e de <i>Grande sertão: veredas</i>	43
2.3. “Sertão-enquanto-Mundo”: entre o inventário e a invenção	57
2.3.1. Riobaldo: o jagunço paladino	65
2.3.2. O herói problemático e o tema da divisão do ser	74
3 O LUGAR DA HISTÓRIA EM <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>	82
3.1. Roberto Schwarz.....	82
3.1.1. A estrutura híbrida e a mistura de gêneros	82
3.1.2. O mito do Fausto e o (<i>quase-não</i>) lugar da História	89
3.2. Walnice Nogueira Galvão	96
3.2.1. A matéria histórica e a matéria imaginária.....	96
3.2.2. As faces de Riobaldo: o jagunço e o letrado	110
3.2.3. “A coisa dentro da outra” e o poder de reversibilidade da palavra.....	117
4 O TEMA DA FORMAÇÃO	123
4.1. <i>Grande sertão: veredas</i> na tradição do <i>Bildungsroman</i>	123
4.1.1. Davi Arrigucci Jr.: as formas da mistura e a mistura das formas	123
4.1.2. Marcus Mazzari: entre o romance faústico e o romance de formação	123
4.2. A formação do Brasil.....	135
4.2.1. Willi Bolle: a história criptografada	136
4.2.2. <i>Grande sertão: veredas</i> como a reescrita d’ <i>Os sertões</i>	142
4.2.3. Heloisa Starling: gestos fundadores.....	154
4.2.4. Luiz Roncari: patriarcalismo e mito.....	159
4.2.5. Julgamento de Zé Bebelo: três perspectivas alegóricas do caso do Brasil...	161
4.2.6. Pacto com o diabo: alegoria do falso contrato social e lei fundadora	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS.....	179

APRESENTAÇÃO

Esta tese de doutoramento – intitulada *Antonio Candido e a fortuna crítica de Guimarães Rosa. A recepção de Grande sertão: veredas* – tem sua origem nas reflexões desenvolvidas na graduação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel. A pesquisa de iniciação científica voltou-se para o exame da representação da jagunçagem em *Grande sertão: veredas* e das relações entre o regional e o universal na literatura de Guimarães Rosa. Posteriormente, o interesse pelas interpretações sociológicas, historiográficas e políticas do romance levou-me a dedicar-lhes o projeto de mestrado, encaminhado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (na linha de pesquisa Teorias e Crítica da Narrativa) da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Araraquara.

No mestrado, iniciado em fevereiro de 2012, com a mesma orientadora, como bolsista do CNPq, pude realizar pesquisas no Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) que me proporcionaram acesso a importantes fontes da primeira recepção crítica de *Grande sertão: veredas*. Além das disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, cursei outras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.¹

No exame de qualificação do mestrado, a banca examinadora promoveu, com base na avaliação do Relatório de Qualificação, a mudança de nível da pesquisa do mestrado para o doutorado direto.² Com a finalidade de ampliar o exame da recepção crítica de *Grande sertão: veredas*, o projeto proposto para o doutorado agregou ao estudo das leituras de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa e dos ensaios de fundamentação histórica, sociológica e política – em que se destacam *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão;

¹ Uma sobre o conto (*Formas Históricas do Conto: Séculos XIX e XX*), ministrada por diferentes especialistas da instituição, sob a coordenação da professora Regina Pontieri, e outras duas, a cargo dos professores Luiz Roncari (*12 Passagens Fora da Sequência do Grande sertão: veredas*) e Marcus Vinicius Mazzari (*Configurações do Pacto Demoníaco: um Motivo Literário em Perspectiva Comparada*), diretamente ligadas ao tema da pesquisa. Embora já tendo adquirido os créditos necessários para a defesa da dissertação de mestrado, cursei ainda uma disciplina na Universidade de São Paulo ministrada pelo professor Alfredo Bosi (*Entre a Literatura e a História*), que, naturalmente, também abriu importantes caminhos para a elaboração do trabalho.

² Compuseram a banca de qualificação as professoras Maria Célia de Moraes Leonel (orientadora) e Cleusa Rios Pinheiro Passos, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ambas especialistas na obra de Guimarães Rosa, e o professor José Antonio Segatto, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Para que fossem obtidos os créditos compatíveis com a perspectiva de conclusão do doutorado, foram cursadas ainda outras três disciplinas oferecidas pelo Programa: *Educating and Self-Cultivating Literature. The Bildungsroman (Novel of Self-Cultivation) as a Genre* (Wilma Patricia Maas), *Semiótica e Literatura* (Maria de Lourdes Baldan), *Poesia: Teoria e Crítica* (Guacira Marcondes Machado).

grandesertão.br, de Willi Bolle; *Lembranças do Brasil*, de Heloisa Starling; *O Brasil de Rosa*, de Luiz Roncari – as análises que buscam elucidar a estrutura, a composição e o gênero de *Grande sertão: veredas*, sem descurar de seu substrato histórico. É o caso dos ensaios de Roberto Schwarz (“*Grande sertão: a fala*” e “*Grande sertão e Dr. Faustus*”), Davi Arrigucci Jr. (“O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”) e Marcus Mazzari (“Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”), que mostram, mediante o enfoque intertextual, os laços do romance com diferentes textos literários que tematizam sobretudo o motivo fáustico e o romance de formação (*Bildungsroman*).

O *corpus* selecionado, cujos fundamentos e níveis de articulação são notadamente complexos, solicita profundidade, rigor e pesquisa minudente de numerosas fontes teóricas que subsidiem o desenvolvimento de uma visão crítica objetiva. Assim, com o propósito de ampliar o conhecimento acerca da natureza e peculiaridades da crítica literária e penetrar mais fundo na análise das peças tomadas como matéria desta investigação, foi realizado um estágio de doutoramento sanduíche como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES) junto ao Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos (*Études Ibériques et Latino-Américaines* – EILA) da Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle, com duração de seis meses (de maio de 2015 a outubro de 2015), sob a orientação e supervisão da Profa. Dra. Cláudia Poncioni e a assistência e colaboração da Profa. Dra. Jacqueline Penjon.

INTRODUÇÃO

As censuras e louvores que fazemos a um tipo de pensamento têm sentido quanto procuramos situá-lo no tempo em que floresceu. Deste modo, em cada pensamento e em cada ato do homem temos dois aspectos a julgar: a sua validade em face da corrente geral da história, e a sua validade em relação ao momento limitado que o viu surgir e manifestar-se.

O método crítico de Sílvio Romero, Antonio Candido (1988, p.113).

O tema deste estudo é a recepção crítica de *Grande sertão: veredas*. Tomando como ponto de partida os escritos de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa, propõe-se analisar as relações de descendência e renovação que com eles estabelecem duas linhas de leitura do romance: os ensaios sociológicos, historiográficos e políticos e os ensaios de estrutura, composição e gênero.

Nossos pressupostos inscrevem-se na perspectiva histórica que rege o horizonte conceitual de sistema literário teorizado pelo mesmo Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, de 1959. Na parte 1 da introdução do livro, o autor afirma que o processo formativo de nossa literatura dá-se como um sistema em que se articulam os produtores literários, o público – os receptores ou leitores – e o “mecanismo transmissor” (a linguagem literária), que une organicamente uns aos outros (CANDIDO, 2009b, p.25). A integração da atividade dos escritores de um dado período nesse sistema resultaria na “formação da continuidade literária”, que proporciona “o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo” (CANDIDO, 2009b, p.25).

Na sequência do texto, essa visão da literatura como sistema integrado, em que as obras se articulam no tempo, é desdobrada no conceito de tradição, sem a qual não haveria “literatura como sinônimo de civilização”: “É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, a transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar.” (CANDIDO, 2009b, p.25-26).³

³ De algum modo, essa noção de tradição aproxima-se do conceito de clássico formulado por Sainte-Beuve (1929, p.40, grifo do autor) em seu artigo de 1850 « *Qu'est-ce qu'un classique* »: « *Quelques écrivains de talent, en effet, doués d'originalité et d'une verve d'exception, quelques efforts brillants, isolés, mais sans suite, aussitôt brisés et qu'il faut recommencer toujours, ne suffisent pas pour doter une nation de ce fonds solide et imposant de richesse littéraire. L'idée de classique implique en soi quelque chose qui a suite et consistance qui fait ensemble et tradition, qui se compose, se transmet et qui dure.* » “Alguns escritores de talento, com efeito, dotados de originalidade e de uma verve de exceção, alguns esforços brilhantes, isolados, sem continuidade, logo

Segundo Alfredo Bosi (2002, p.40), escrevendo a propósito da historicidade na *Formação da literatura brasileira*: “Trata-se de uma concepção funcional das expressões simbólicas que tomam corpo, recebem *status* público e entram para o cânon da história literária à medida que funciona o tripé sistêmico: escritores, público e mecanismo transmissor (linguagem)”. Subsiste nesse esquema uma “dupla concepção de *historicidade*”, que se alterna entre a sociologia positiva e a visão dialética, completa com toda justeza Alfredo Bosi (2002, p.41, grifo do autor). Plenamente desenvolvida no corpo do livro, essa dupla concepção aparece pormenorizada na parte 3 da introdução, em que Antonio Candido (2009b, p.31) apresenta ao leitor os pressupostos metodológicos do equilíbrio de sua visada crítica que busca “focalizar simultaneamente a obra como realidade própria e o contexto como sistema de obras”.

Pela visão sociológica, a obra – situada no conjunto sistêmico de produtores, receptores e mecanismos de linguagem – é examinada em sua relação com os processos culturais atuantes:

O fato de ser este um livro de história implica a convicção de que o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização. (CANDIDO, 2009b, p.31).

Pela visão dialética, a obra é lida em sua autonomia e valorizada em sua individualidade estética: “Nem um ponto de vista histórico desejaria, em nossos dias, reduzir a obra aos fatores elementares”, adverte Antonio Candido (2009b, p.31). “A dupla concepção de historicidade, de um lado sociológica, de outro dialética, tende a resolver-se tacitamente, na *Formação*, ao enfrentar o problema da literatura como expressão da nacionalidade.” (BOSI 2002, p.413).

Sem nos determos na discussão dos conceitos fundamentais da *Formação da literatura brasileira* e suas implicações no projeto crítico de Antonio Candido e na tradição metodológica por ele instaurada em nossa crítica (aspecto a que tornaremos na parte dedicada a Antonio Candido e o percurso da crítica literária no Brasil)⁴, interessa-nos por ora destacar as noções de *sistema, integração, tradição, equilíbrio entre individualidade e/ou autonomia e processo histórico*. Tomando essas ideias como premissas, propomos analisar não a criação

dissipados e que é preciso recomeçar sempre, não são suficientes para dotar uma nação desse fundo sólido e imponente de riqueza literária. A ideia *clássica* implica em si mesma algo que tenha continuidade e consistência, que forma conjunto e tradição, que se compõe, que se transmite e que dura.” (tradução nossa).

⁴ Cf. capítulo 2 deste estudo.

literária – como faz Antonio Candido ao tratar dos momentos decisivos do processo formativo de nossa literatura –, mas a recepção crítica de *Grande sertão: veredas*. Noutros termos, trata-se de importar essas noções que estão na base da concepção de historicidade do projeto crítico de Antonio Candido para pensar as modificações sucessivas da fortuna crítica do romance de Guimarães Rosa.

Em princípio, o que se propõe é levar em consideração a hipótese de que seria possível falar numa tradição crítica: um conjunto de juízos que se integram sistemática e dialeticamente no tempo mediante um processo que congrega simultaneamente a assimilação de achados críticos precursores e a construção de novas perspectivas de leitura em consonância com as experiências históricas e os anseios de cada época.

Com base nesse pressuposto, a expectativa deste estudo é verificar os pontos de convergência e de afastamento e as relações de complementaridade que as linhagens dos ensaios sociológicos, historiográficos e políticos e dos ensaios de estrutura, composição e gênero de *Grande sertão: veredas* estabelecem entre si e com o juízo crítico de Antonio Candido acerca da produção de Guimarães Rosa.⁵

Os ensaios tomados como matéria de investigação deixam-se agrupar em três tipos:

(1). Escritos de Antonio Candido:

Seguindo a linha cronológica, sistematizamos esses escritos em três blocos: as leituras semanais (que abrangem as resenhas jornalísticas veiculadas por ocasião do lançamento de *Sagarana*, em 1946, e de *Grande sertão: veredas*, em 1956), a análise ensaística propriamente dita (que compreende o ensaio pioneiro sobre o romance – “O homem dos avessos”, no original, “O sertão e o mundo”, de 1957, e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, de 1966) e os dois escritos mais abrangentes publicados nos anos 1970 (“Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”).

(2). Ensaios sociológicos, historiográficos e políticos:

Linhagem inaugurada com *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão (1972), e retomada a partir dos anos 1990 por Willi Bolle (2004), *grandesertão.br*, Heloisa Starling (1999), *Lembranças do Brasil*, e Luiz Roncari (2004), *O Brasil de Rosa*, que enfocam, cada qual a seu modo, o processamento literário da formação do Brasil em Guimarães Rosa.

⁵ A divisão dessas linhas tem como base a classificação da fortuna crítica do romance elaborada por W. Bolle (2004, p.19-20), a ser retomada com mais vagar no capítulo 1 deste estudo.

(3). Ensaios de estrutura, composição e gênero:

Destacam-se: “*Grande sertão: a fala*” e “*Grande sertão e Dr. Faustus*”, de Roberto Schwarz (1965a e 1965b), ambos publicados em 1960, “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, de Davi Arrigucci Jr. (1994), e o ensaio de Marcus Mazzari (2010, p.17-91), “Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”, publicado mais recentemente.

A escolha das duas vertentes e dos ensaios em que nelas se inserem tem uma dupla justificação. Primeira, a inovação e o alcance dessas leituras na fortuna crítica do romance. Segunda, mais importante para propósito deste estudo, pelo *enlace metodológico e/ou temático* que esses ensaios estabelecem entre si – não obstante a presença de pontos de divergência – e as proposições de Antonio Candido.

Metodologicamente, a tese orienta-se pelos estudos comparativos, mas com uma especificidade: o objeto de comparação é a crítica e não a criação literária. Tendo como baliza a relação de equilíbrio entre individualidade e/ou autonomia e processo histórico, são apurados o método crítico e os fundamentos de cada ensaio em sua individualidade. Entendendo que tais leituras interagem no tempo, procuramos desvendar o movimento dialético de aproximação e distanciamento operado entre elas. Noutros termos, combinando diacronia e sincronia, trata-se de delinear como cada ensaísta recupera achados críticos precursores (não como valores *a priori*, mas como aqueles capazes de assegurar prosseguimento ao seu próprio ofício de julgamento de valor) e os redimensiona de forma a construir, em consonância com o seu tempo, leituras distintas ancoradas em variados modos de julgamento. Com isso, entendemos ser possível demarcar e discutir, de um ponto de vista crítico objetivo e histórico, a completude interpretativa alcançada (ainda que esta completude seja sempre provisória) pelos trabalhos tomados como matéria desta investigação.

A tese é estruturada em quatro capítulos. O primeiro focaliza as fases que se sucederam na recepção crítica de Guimarães Rosa mediante a apresentação das variações direcionais da fortuna crítica de *Grande sertão: veredas* em diferentes vertentes analíticas e metodológicas sistematizadas por alguns dos especialistas na literatura rosiana e aborda o processo de internacionalização das leituras do romance e, em particular, sua recepção na França. Ao situarmos os ensaios que compõem a matéria desta investigação no quadro dos estudos sobre romance, justificamos com maior minúcia a delimitação do *corpus* da pesquisa e retomamos os fundamentos de nossa proposição.

O segundo capítulo – “Antonio Candido: a dialética entre o local e o universal” – apresenta três partes. Além da particularidade do julgamento crítico que se projeta em seus

escritos sobre a literatura de Guimarães Rosa, Antonio Candido é instaurador de uma tradição metodológica de estudos acadêmicos, balizadora – em especial, embora não apenas – das relações entre *literatura e sociedade* e dos *estudos comparativos*, linhagens metodológicas fundamentais na recepção crítica de *Grande sertão: veredas*, em particular, nos ensaios tomados como matéria desta pesquisa. Com a finalidade de acompanhar a evolução e o significado da trajetória de Antonio Candido, a primeira parte do capítulo a ele consagrado consiste na reconstrução de alguns dos conceitos mais salientes de seu projeto que contribuem para compreensão do percurso da crítica literária no Brasil a partir de meados do século passado (período que contextualiza a recepção crítica inaugural da obra de Guimarães Rosa e contempla o processo de transição da prática jornalística da crítica literária para crítica institucionalizada e a cristalização desta). Esses conceitos servem-nos de base para a análise dos procedimentos críticos de Antonio Candido visando compor uma leitura mais acurada de seu juízo sobre Guimarães Rosa. A segunda parte trata das leituras seminais de Antonio Candido: as resenhas jornalísticas veiculadas por ocasião do lançamento de *Sagarana*, em 1946, e de *Grande sertão: veredas*, em 1956. A terceira parte enfoca o ensaísmo propriamente dito: “O homem dos avessos”, “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa” e os dois escritos mais abrangentes publicados nos anos 1970, “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”.

O terceiro capítulo – intitulado “O lugar da História em *Grande sertão: veredas*” – focaliza os escritos de Roberto Schwarz (1965a e 1965b), “*Grande sertão: a fala*” e “*Grande sertão e Dr. Faustus*”. Trata-se de duas perspectivas analíticas pioneiras: o primeiro ensaio, da sistematização da combinatória dos gêneros épico, lírico e dramático no romance de Guimarães Rosa; o segundo, da aproximação entre este e o romance de Thomas Mann, situando no tema fáustico o ponto de contato entre os dois livros. Na sequência, tratamos de *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão (1972), que constitui a primeira análise sistemática dos aspectos históricos, políticos e sociais representados no romance.

Finalmente, o quarto capítulo trata do tema da formação em *Grande sertão: veredas* em duas etapas. Na primeira, abordamos os ensaios que tomam como referência, entre outras, a tradição do romance de formação (*Bildungsroman*), cujo protótipo é o *Wilhelm Meister* de Goethe, privilegiando a *formação do indivíduo*. É o caso do ensaio de Davi Arrigucci Jr. (1994), “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, que busca reconhecer, mediante o diálogo de *Grande sertão: veredas* com o romance moderno na sua versão clássica – o *Bildungsroman* – e outras modalidades narrativas, o processo de transposição da experiência histórica de Guimarães Rosa para o plano artístico da literatura.

Sua finalidade consiste em detectar aquilo que se caracteriza como um dos pontos fulcrais do romance: a forma estética da mescla. Tratamos também de “Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”, ensaio em que Marcus Mazzari (2010, p.17-91) analisa detidamente, com base em fontes alemãs, a presença das tradições do motivo fáustico e do romance de formação em Guimarães Rosa. Na sequência, abordamos a leitura alegórica da *formação do Brasil em Grande sertão: veredas* (viés de que se ocupa a cena universitária mais recente), formalizada nos ensaios sociológicos, historiográficos e políticos de Willi Bolle (2004), *grandesertão.br*, Heloisa Starling (1999), *Lembranças do Brasil*, e Luiz Roncari (2004), *O Brasil de Rosa*.

Como se vê, a divisão dos capítulos não obedece necessariamente ao agrupamento metodológico das referidas linhagens da crítica sob enfoque (quais sejam: os ensaios sociológicos, historiográficos e políticos e os ensaios de estrutura, composição e gênero), mas sim a eixos temáticos nucleares presentes nessas mesmas linhagens, levando também em conta, de algum modo, a cronologia das publicações. Para que se submetam à prova as relações de descendência e renovação operadas pelos ensaios tomados como matéria de investigação (escopo da visada histórica em que se assenta este estudo, conforme destacado), as análises terão, por assim dizer, um caráter circular. Noutros termos, as referidas leituras críticas do romance serão abordadas em duas etapas. Na primeira, apresentamos uma síntese de cada ensaio e algumas achegas às suas linhas diretivas e filiações teóricas. Em seguida, o ângulo é ampliado e o tom algo resenhista da etapa anterior cede lugar ao estabelecimento das relações de retomada e inovação realizada por cada leitura, tendo em conta os elementos constitutivos do romance, a saber: a situação narrativa (o monólogo dialogal), o sertão, a jagunçagem, o pacto com o diabo, Diadorim, a linguagem (as transformações concretizadas pelo escritor nesse nível), a relação do duplo tempo (tempo do narrado e tempo da narração) e da dupla perspectivação (a do velho Riobaldo e a do jagunço Riobaldo), conforme, naturalmente, o lugar (isto é, a presença e o tratamento) que cada um desses elementos ocupa nos respectivos ensaios. Em função dessa estratégia de feitura e encadeamento dos capítulos, o leitor encontrará, por vezes, a repositição dos mesmos tópicos, mas sob enfoques variados.

Sinalizamos, por fim, que a estratégia de abordagem escolhida, baseada no contraste histórico e também metodológico dos ensaios, não pretende um enfoque crítico da crítica pautado pelo embate de juízos. Entendendo que cada leitura tem peso e efetividade própria, não está em jogo debater escolhas teóricas, tampouco se propõe a valoração de diferentes julgamentos com base na confrontação dos mesmos, uma vez que tomamos a noção de valor –

conforme condensa o trecho de Antonio Candido em epígrafe desta introdução – como uma atribuição sobretudo histórica.

Por fim, os textos tomados como embasamento da investigação do projeto crítico de Antonio Candido deixam-se agrupar fundamentalmente em dois tipos. Em primeiro lugar, os livros de Antonio Candido: *Formação da literatura brasileira* (2009a), *Iniciação à literatura brasileira* (2007a), o prefácio de *O discurso e a cidade* (2004a), *Literatura e sociedade* (2000), *O método crítico de Sílvio Romero* (1988), dentre outros. Em segundo lugar, os escritos sobre Antonio Candido: “Questões sobre Antonio Candido” (2010, p.211-218) e “Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido” (1992), de D. Arrigucci Jr.; “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária”, de Alfredo Bosi (2002, p.7-53); *Literatura comparada*, de Sandra Nitrini (2010); *Sequências brasileiras*, de Roberto Schwarz (1999); entrevistas e ensaios coligidos nos números 11 e 12, ambos dedicados a Antonio Candido, da revista *Literatura e Sociedade* (2009), entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a publicação de *Sagarana*, a produção de Guimarães Rosa tem continuamente provocado debates. Articulando variadas linhas teóricas e metodológicas, os críticos literários, no Brasil e no estrangeiro, seguindo percursos notadamente distintos, vêm estabelecendo diferentes perspectivas para a sua análise e interpretação. Tais abordagens – fruto da irradiação da obra rosiana pelos mais diversos vieses de leitura – permitiram que se ampliasse a compreensão da ficção do escritor mineiro para além dos limites iniciais da crítica.

No caso de *Grande sertão: veredas*, a fortuna crítica é de tal monta que se deixa agrupar em diferentes vertentes analíticas e metodológicas. Tomando como ponto de partida os escritos de Antonio Candido sobre Guimarães Rosa, propusemos analisar as relações de descendência e renovação que com eles instituem duas linhagens da crítica: os ensaios sociológicos, historiográficos e políticos e os ensaios de estrutura, composição e gênero.

Para estabelecer uma leitura histórica da recepção crítica do romance, os pressupostos foram alicerçados nas ideias matrizes de sistema, integração, tradição, equilíbrio entre individualidade e/ou autonomia e processo histórico, teorizadas em *Formação da literatura brasileira*. Importando essas noções que estão na base da concepção de historicidade do projeto crítico de Antonio Candido para pensar a recepção de *Grande sertão: veredas*, a tese aqui sustentada é que se pode falar de uma tradição crítica: um conjunto de juízos que se articulam sistemática e dialeticamente no tempo através de um processo que congrega a assimilação de achados críticos precursores e a construção de novos horizontes de leitura em consonância com as experiências históricas e os anseios de cada época.

Além do alcance e da inovação trazidos pelas duas referidas linhagens da crítica enfocadas, a escolha do *corpus* fez-se em função da aproximação metodológica e/ou temática que os ensaios nelas insertos estabelecem com as leituras críticas de Antonio Candido. Os ensaios tomados como matéria de investigação foram agrupados em três núcleos. Em primeiro lugar: os escritos de Antonio Candido. Seguindo a linha cronológica, sistematizamos esses escritos em três blocos: as leituras semanais (que compreendem as resenhas jornalísticas veiculadas por ocasião dos lançamentos de *Sagarana*, em 1946, e de *Grande sertão: veredas*, em 1956), a análise ensaística propriamente dita (que abrange o ensaio pioneiro sobre o romance – “O homem dos avessos”, no original “O sertão e o mundo”, de 1957, e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa, de 1966) e dois escritos mais abrangentes publicados nos anos 1970 (“Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”). Em segundo lugar, os ensaios sociológicos, historiográficos e políticos: *As formas do falso*, de Walnice Nogueira

Galvão (1972), e as publicações mais recentes preocupadas em reconhecer o processamento literário da formação do Brasil no romance de Guimarães Rosa: *grandesertão.br*, de Willi Bolle (2004), *Lembranças do Brasil*, de Heloisa Starling (1999), *O Brasil de Rosa*, de Luiz Roncari (2004). Em terceiro lugar, os ensaios de estrutura, composição e gênero, em que destacam: “*Grande sertão: a fala*” e “*Grande sertão e Dr. Faustus*”, de Roberto Schwarz (1965a e 1965b), ambos publicados em 1960, “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, de Davi Arrigucci Jr. (1994), e o ensaio de Marcus Mazzari (2010, p.17-91), “Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”.

O capítulo intitulado “Antonio Candido: a dialética entre o local e o universal” apresenta três partes. Além da particularidade do julgamento crítico que se projeta em seus escritos sobre a literatura de Guimarães Rosa, Antonio Candido é instaurador de uma tradição metodológica de estudos acadêmicos voltados, sobretudo, para as relações entre literatura e sociedade e dos estudos comparativos, linhagens metodológicas fundamentais nos ensaios tomados como matéria desta pesquisa. Assim, com a finalidade de acompanhar a evolução e o significado da trajetória de Antonio Candido, a primeira parte do capítulo a ele consagrado reconstruiu alguns dos conceitos mais salientes de seu projeto que contribuem para a compreensão do percurso da crítica literária no Brasil a partir de meados do século passado, quando se contextualiza a recepção crítica inaugural da obra de Guimarães Rosa e contempla o processo de transição da prática jornalística da crítica literária para crítica institucionalizada. A segunda parte tratou das leituras seminais de Antonio Candido: as resenhas jornalísticas veiculadas por ocasião do lançamento de *Sagarana*, em 1946, e de *Grande sertão: veredas*, em 1956. A terceira parte enfocou o ensaísmo propriamente dito: “O homem dos avessos”, “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa” e os dois escritos mais abrangentes publicados nos anos 1970, “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”.

O sumo dessas leituras alimenta-se da dialética entre o local e o universal. Essa perspectiva aparece já nas reflexões assinaladas pelo crítico nas resenhas de *Sagarana* e de *Grande sertão: veredas*. O tópico desenvolvido por Antonio Candido nesses escritos de contato inicial com a obra de Guimarães Rosa, e que permanecerá como questão recorrente em suas análises ulteriores, é o reconhecimento de uma literatura regional, embora não regionalista, caracterizada fundamentalmente pela “[...] transcendência do regional (cuja riqueza peculiar se mantém todavia intacta), graças à incorporação em valores universais de humanidade e tensão criadora.” (CANDIDO, 2002, p.190).

Segundo o crítico, a composição de *Grande sertão: veredas* obedeceria a uma “estratificação de interesses” – que vão “do pitoresco regional à preocupação moral e metafísica” – criteriosamente ordenados e articulados por Guimarães Rosa (CANDIDO, 2002b, p.191). Firmado seu ângulo de enfoque e não se atendo à filigrana da exposição, Antonio Candido procede à identificação dos recursos de construção ficcional operados pelo escritor que lhe permitiram sobrepujar o caráter contingente da dimensão regional. Impactadas pela complexidade desafiadora da obra de Guimarães Rosa, diríamos que as observações formalizadas nas resenhas seriam uma espécie de sondagem programática a ser amadurecida e adensada no ensaísmo posterior de Antonio Candido.

No ano seguinte ao lançamento de *Grande sertão: veredas*, Antonio Candido publica “O sertão e o mundo”, que seria – sob o título “O homem dos avessos” – agregado a outras leituras de romance em *Tese e antítese*, editado em 1964. No prefácio do livro, diz-nos Antonio Candido (2006b, p.9) que a unidade e a coesão da coletânea de ensaios se conferem pelo tema da “divisão ou da alteração, seja na personalidade do escritor, seja no universo da sua obra” e *Grande sertão: veredas* seria, nessa linha, “o primeiro grande romance metafísico da literatura brasileira”.

Nesse ensaio, o crítico retoma e amplia todas as reflexões expostas nas resenhas de *Sagarana* e *Grande sertão: veredas*. Ele abre o texto ressaltando o caráter inventivo de Guimarães Rosa. O ensaio é organizado em torno da confrontação do romance de Guimarães Rosa com o livro principal de Euclides da Cunha. Cumpre enfatizar que, embora o crítico desenvolva a análise de *Grande sertão: veredas* pelo prisma dos três elementos estruturais em que se apoia a composição d’*Os sertões* (a Terra, o Homem, a Luta), ele se empenha em demarcar rigorosamente as diferenças entre as duas obras. Opondo invenção e sugestão a lógica e constatação, Antonio Candido compara *Grande sertão: veredas* com *Os sertões* frisando que as categorias do ensaio euclidiano estão de fato presentes na matéria ficcional rosiana, no entanto, de modo muito diverso; os três planos comparecem em Guimarães Rosa (cujo universo é regido por “leis próprias” que se libertam dos “hábitos realistas de nossa ficção”) entrançados, sem nenhuma relação causal (CANDIDO, 2006b, p.112-113).

O meio físico caracterizar-se-ia pela “heterolateralidade”, ou seja, pelo caráter ambivalente, em que o real e o fantástico coexistem “amalgamados na invenção e as mais das vezes dificilmente separáveis”. No que respeita à tipologia humana, são identificados dois elementos fundamentais: a dimensão individualizante na caracterização dos jagunços e a presença de aspectos ligados a padrões medievais das novelas de cavalaria. Tais constatações levam à articulação de reflexões mais fundas, ligando o mundo sertanejo de Guimarães Rosa

com as categorias do rito e do mito. Nesse sentido, tal como nos rituais presentes em certas novelas de cavalaria, o pacto com o diabo simbolizaria um rito de passagem (“dispensador de poderes”) pelo qual Riobaldo adquiriria força íntima para rivalizar com o inimigo pactário Hermógenes. As considerações acerca do “poder recíproco da terra e do homem” deságuam na formulação de que a dialética do livro se explicaria pelo “princípio geral da reversibilidade”, que lhe conferiria “um caráter fluido e uma misteriosa eficácia”. A esse princípio estaria atrelada a ambiguidade, que se configuraria como a matriz estrutural da narrativa. Por fim, a leitura atinge o centro vivo de *Grande sertão: veredas*: “o angustiado debate sobre a conduta e os valores humanos que a escoltam.” Trata-se do dilaceramento de Riobaldo, tomado pelas forças do bem e do mal no sinuoso curso de suas crispações, oscilando por afirmativas e negações, laboriosamente às voltas, numa contenda incessante, com a construção da sabedoria sobre a experiência vivida, visando descobrir a essência dos atos. Nesse sentido, o diabo representaria o arquétipo das tensões da alma, a essência torva da personalidade.

As proposições desenvolvidas em “O homem dos avessos”, reiteradas no ensaio “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, em que o tema do jagunço é analisado sob o enfoque da passagem do elemento documentário à transfiguração criadora, constituem a base dos escritos da década de 1970 – “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa” –, culminando no conceito de “superregionalismo”, para o qual são utilizados também os termos “transregionalismo” e “surregionalismo”, com que Antonio Candido classificaria a obra de Guimarães Rosa.

O terceiro capítulo – intitulado “O lugar da História em *Grande sertão: veredas*” – focalizou os escritos de Roberto Schwarz (1965a e 1965b): “*Grande sertão: a fala*” (que enfoca a superação das categorias literárias habituais por Guimarães Rosa, inaugurando o debate acerca da combinação dos gêneros no romance) e “*Grande sertão e Dr. Faustus*” (aproximação pioneira entre os romances de Guimarães Rosa e de Thomas Mann). A leitura sistematizada da combinatória dos gêneros épico, lírico e dramático em *Grande sertão: veredas* é uma das grandes conquistas do primeiro artigo de Roberto Schwarz. Também merece destaque o realce conferido ao papel do interlocutor e sua correlação com o leitor, dimensão de que se mantiveram afastadas as leituras de Antonio Candido. Em “*Grande sertão e Dr. Faustus*”, o confronto do tema do destino nos dois livros desemboca no contraste da experiência histórica em Guimarães Rosa e Thomas Mann. No *Dr. Fausto*, alinhado ao realismo do *Bildungsroman*, a passagem do local para o universal é mediada pela camada

histórica. Em contraste com Thomas Mann, no romance de Guimarães Rosa, a passagem do particular para o universal ocorre de modo direto.

Na sequência, tratamos de *As formas do falso*, ensaio de Walnice Nogueira Galvão (1972) que, na esteira das proposições de Antonio Candido, constitui a primeira análise sistemática dos aspectos históricos, políticos e sociais representados no romance. Por intermédio do diálogo transdisciplinar do romance com pesquisas conceituais das ciências humanas (de autores como Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Rui Facó, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Caio Prado Júnior, Oliveira Vianna, dentre outros), procura desvendar o universo histórico, político, social e cultural representado no romance de Guimarães Rosa.

Com base no pressuposto de que a ambiguidade é o “princípio organizador” que preside a todos os níveis da composição de *Grande sertão: veredas* (conforme a pista aberta por Antonio Candido), a estrutura da narrativa seria definida por aquilo que a ensaísta nomeia “padrão dual recorrente” ou a “coisa dentro da outra”. Isto é, um padrão que comporta duas dimensões de naturezas antipodais, sendo uma o continente e outra o conteúdo. Incorporada à configuração do romance estaria, assim, a junção de duas instâncias que se relacionam e implicam mutuamente: “a matéria historicamente dada” e “a matéria imaginária” (GALVÃO, 1972, p.12-13). A primeira corresponderia à “matéria do sertão”, as condições sociais, econômicas e políticas a que se adapta o homem pobre do meio rural brasileiro, ao passo que a segunda se relacionaria à medievalização do sertão.

O exame dessas dimensões leva a ensaísta a assegurar que a obra de Guimarães Rosa – que “dissimula a História para melhor desvendá-la” – constitui o “[...] mais profundo e mais completo estudo até hoje feito sobre a plebe rural brasileira” (GALVÃO, 1972, p.63, p.74).

No quarto capítulo, tratamos do tema da formação em *Grande sertão: veredas*. Abordamos os ensaios que tomam como referência, entre outras, a tradição do romance de formação (*Bildungsroman*) privilegiando a *formação do indivíduo*. É o caso do ensaio de Davi Arrigucci Jr. (1994), “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, que busca reconhecer, mediante o diálogo de *Grande sertão: veredas* com o *Bildungsroman* e outras modalidades narrativas, o processo de transposição da experiência histórica do escritor para o plano artístico da literatura. Aproveitando as descobertas de Cavalcanti Proença (1959), Roberto Schwarz (1965a e 1965b), Walnice Nogueira Galvão (1972) e sobretudo do ensaio pioneiro de Antonio Candido (2006b), a leitura de Davi Arrigucci inova no sentido de sistematizar as formas narrativas que se mesclam na unidade singular do livro. Ao lado do ensaio de Davi Arrigucci Jr., abordamos “Veredas-Mortas e Veredas-Altas: a trajetória de Riobaldo entre pacto demoníaco e aprendizagem”, ensaio em que Marcus Mazzari (2010,

p.17-91) analisa a presença das tradições do motivo fáustico e do romance de formação em Guimarães Rosa.

Na sequência, abordamos a leitura alegórica da *formação do Brasil* em *Grande sertão: veredas* (viés de que se ocupa a cena universitária mais recente), formalizada nos ensaios sociológicos, historiográficos e políticos de Willi Bolle (2004), *grandesertão.br*, Heloisa Starling (1999), *Lembranças do Brasil*, e Luiz Roncari (2004), *O Brasil de Rosa*.

Alicerçado em categorias e conceitos de Walter Benjamin, Willi Bolle (2004) propõe uma releitura da História das estruturas sociais e políticas do país por intermédio de *Grande sertão: veredas*. A falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares teria sido esteticamente tratado por Guimarães Rosa em todos os níveis da organização formal do romance.

Na perspectiva assumida pelo crítico, o pacto com o demônio supostamente selado por Riobaldo encarna, em termos simbólicos, o “princípio do desentendimento”, uma vez que o protagonista, ao invocar o diabo na encruzilhada das Veredas-Mortas, teria o fito de ascender à classe dominante às custas dos seus companheiros de jagunçagem. Comentado à luz de uma comparação com o discurso de Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens, o ensaísta vê no pacto de Riobaldo a “alegoria de um falso contrato social e lei fundadora do Brasil” (BOLLE, 2004, p.43, p.146-174).

Ao qualificar o romance rosiano como uma “forma de pesquisa” e um “*organon* da História”, valendo-se de termos respectivamente de Antonio Candido e Walter Benjamin, Willi Bolle deixa claro que seu empenho em perscrutar o substrato histórico do romance tem como fim demonstrar que a narrativa ficcional pode ser empregada como meio de interpretação da realidade social e humana do país.

Para mostrar que *Grande sertão: veredas* é o “retrato criptografado do Brasil”, o crítico recorre ao exame comparativo do romance com a tradição ensaísta voltada à constituição da sociedade brasileira e de suas estruturas. Essa tradição (retratos do Brasil ou ensaios de formação do Brasil) compreende o cânone das interpretações do país elaboradas ao longo do século XX por Euclides da Cunha (*Os sertões*, de 1902), Gilberto Freyre (*Casa-grande & senzala*, de 1933), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, de 1936), Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil contemporâneo*, de 1942), Raymundo Faoro (*Os donos do poder*, de 1958), Celso Furtado (*Formação econômica do Brasil*, de 1958), Antonio Candido (*Formação da literatura brasileira*, de 1959), Florestan Fernandes (*A revolução burguesa no Brasil*, de 1974) e Darcy Ribeiro (*O povo brasileiro*, de 1995).

A comparação da ficção de Guimarães Rosa com os referidos ensaios sociológicos e historiográficos leva o crítico a afirmar que o livro rosiano é o “romance de formação do Brasil”. Retoma-se, nessa linha, o conceito convencional atribuído ao gênero *Bildungsroman* (cujo paradigma é *Wilhelm Meister* de Goethe) para mostrar que a narrativa de Guimarães Rosa, mais do que um romance centrado no indivíduo, tem a dimensão de um romance social por apresentar “elementos básicos da formação do país” (BOLLE, 2004, p.413).

Segundo o ensaísta, o projeto ficcional rosiano estaria fundado sobre o propósito de redenção crítica da historicidade de *O sertão*. Não se trataria apenas de uma retomada do modelo historiográfico e etnográfico posto em obra por Euclides da Cunha, mas de uma avaliação desse modelo com os recursos da ficção. Ao revestir a produção literária rosiana de um teor historiográfico em chave crítica, Willi Bolle confere-lhe um caráter empenhado. Nesse sentido, concebem-se os juízos apresentados no ensaio, que se movem rumo à proposta de ancorar a tese de que seria possível, por intermédio do romance, compreender os alicerces sociais e políticos anteriores e atuais da nação.

A visão de que o projeto literário de Guimarães Rosa teria um potencial político cabível de ser inserido no “cenário agudamente contemporâneo da modernidade” constitui também o eixo de força do ensaio de Heloisa Starling (1999, p.14), *Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas*, que, tal como Willi Bolle, se guia pela linha da historiografia alegórica de Walter Benjamin, além de autores da teoria política como Hannah Arendt e Alexis Tocqueville.

A estudiosa concebe o romance rosiano como “aberto sobre um vazio original instituinte da História do Brasil” a se desdobrar à maneira de um “gigantesco mapa alegórico” em que se projetam “cenas de fundação” (associadas a “gestos fundadores” realizados por chefes da jagunçagem) das bases constitutivas históricas do país. Em torno de tais gestos, o projeto literário de Guimarães Rosa teria reconstruído o Brasil para a política, iluminando seus processos mais profundos e revelando novas alternativas (STARLING, 1999, p.16-18).

Em *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder*, Luiz Roncari (2004), firmado na noção de modernização conservadora, sustenta que o processo histórico e social brasileiro estaria expresso alegoricamente em *Grande sertão: veredas* associado a embates entre os valores inerentes a tradições arcaicas e a fixação institucional da ordem política. Nesse sentido, a dimensão alegórica da obra configurar-se-ia como a imagem de uma perspectiva “conservadora” do romancista com relação às “instabilidades do novo regime” e de uma “nostalgia da ‘ordem imperial’”, em decorrência das crises políticas e institucionais que se sucediam nas tentativas de estabilização que concorreram à constituição

da sociedade republicana (RONCARI, 2004, p.18-19). No desenvolvimento dessa leitura, dentre os intelectuais consultados por Luiz Roncari, destaca-se a presença de Oliveira Vianna.

As referidas proposições são afiançadas pela análise detida do episódio do julgamento de Zé Bebelo – “O tribunal do sertão” –, considerado pelo ensaísta um dos momentos fulcrais da narrativa e para o qual todos os demais aspectos temáticos do romance convergiriam. A cena do julgamento na Fazenda Sempre-Verde representaria o contraste entre o direito costumeiro – no qual a ordem privada desempenha funções, por meio do coronelismo e da jagunçagem, que em princípio caberiam ao poder público – e o direito institucionalizado.

Diferentemente de Davi Arrigucci Jr. (1994) e Marcus Mazzari (2010), os três ensaístas, sob enfoques distintos, creem que – ao encenar tensões políticas e os antagonismos sociais – Guimarães Rosa apresentaria no romance elementos fundamentais da formação do país. Ao passo que Davi Arrigucci e Marcus Mazzari privilegiam a questão da formação do indivíduo, Willi Bolle, Luiz Roncari e Heloisa Starling, consideram, pois, *Grande sertão: veredas* um romance de formação do Brasil.

Como se vê, ao longo da recepção crítica de *Grande sertão: veredas*, há um acirramento das relações entre ficção e realidade. Como questionam de Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto (2012, p.93) a propósito dos ensaios baseados na noção de alegoria: “[...] ao caracterizarem a narrativa como equivalente a ensaio do Brasil ou como uma alegoria que abarca o passado, o presente e até mesmo o futuro, não estariam os ensaístas incorrendo em um reducionismo sociológico?” E acrescentam:

Não seria uma tentativa de atribuir a Guimarães Rosa uma visão de mundo (crítica ou conservadora) que pode não ter similitude completa em sua obra? Isso não representaria uma expressão não do artista, mas do ensaísta, a partir de suas necessidades de concepção de mundo, que leva a ver a produção rosiana como um ritual de representação do poder no Brasil de uma forma geral e mesmo atemporal não manifesto na narrativa?

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. *Grande sertão em linha reta*. In: DUARTE, L. P.; ABELHA, M. T. (Org.). **Outras margens**: estudos da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.61-76.
- AGUIAR, M. V. M. de. **Traduzir é muito perigoso**: as duas versões francesas de *Grande Sertão: veredas* – historicidade e ritmo. Tese (Doutorado em) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ALBERGARIA, C. **Bruxo da linguagem no Grande sertão**: leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- ALMEIDA, J. M. B. de. **Crítica dialética em Theodor Adorno**: música e verdade nos anos vinte. Cotia: Ateliê, 2007.
- ARANTES, P. E. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, F. B. O.; ARANTES, P. E. (Org.). **Sentido da formação**: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.7-66.
- _____. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- _____. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- ARAÚJO, H. V. de. **O roteiro de Deus**: dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.
- ARRIGUCCI JR., D. **O guardador de segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n.40, p.7-49, nov.1994.
- _____. Movimentos de um leitor: ensaio e imaginação crítica em Antonio Candido. In: D'INCAO, M. A., SCARABOTOLLO, E. F. (Org.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia da Letras/Instituto Moreira Salles, 1992. p.181-204.
- ARROYO, L. **A cultura popular em Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BEDATE, P. G. A recepção de João Guimarães Rosa na Espanha: a *Revista de Cultura Brasileira*. In: CHIAPPINI, L.; VEJMEKKA, M. (Org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa**: dimensões locais e universalidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p.101-112.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 8.ed. revista. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet, revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva, prefácio de Jeanne Marie-Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.241-252. (Obras escolhidas 1).

_____. **Passagens.** Edição alemã de Rolf Tiedemann, organização da edição brasileira de Willi Bolle, colaboração de Olgária Chain Féres Matos, tradução do alemão de Irene Aron, tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão, revisão técnica de Patrícia de Freitas Camargo e posfácios de Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão.** Tradução, prefácio e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Rua de mão única.** Tradução de R. R. Torres Filho e J. C. M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas 2).

_____. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas 3).

_____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie:** escritos escolhidos. Seleção e apresentação de Willi Bolle; tradução de Celeste H. M. Ribeiro de Souza et al. São Paulo: Cultrix, 1986. p.160-175.

_____. **Origem do drama barroco alemão.** Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOLLE, W. **grandesertão.br:** o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. (Coleção Espírito Crítico).

_____. Representação do povo e invenção da linguagem em *Grande sertão: veredas*. **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.352-366, 2002.

_____. grandesertão.br ou: A invenção do Brasil. In: MADEIRA, A.; VELOSO, M. (Org.). **Descobertas do Brasil.** Brasília: Ed. UnB, 2001. p.165-235.

_____. **Fisiognomia da metrópole moderna:** representação da história em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. O sertão como forma de pensamento. In: Andrade, A. L.; BARROS, M. L. C.; ANTELO, R. (Org.). **Leituras do ciclo.** Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, p.255-266.

_____. Guimarães Rosa, leitor de Euclides da Cunha, **Brasil/Brazil**, Porto Alegre/Providence, ano 11, n.20, p.9-4, 1998.

_____. O pacto no *Grande sertão* – esoterismo ou lei fundadora? **Revista USP**, São Paulo, n.36, p.27-44, dez.1997-fev,1998.

_____. *Grande sertão:* cidades. **Revista USP**, São Paulo, n.24, p.80-93, dez. 1994-fev.1995.

_____. Zur Vermittlung von Stadt- und Sertão-Kultur im Werk von Guimarães Rosa. **Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin**, Berlin, ano 39, n.5, p.429-435, 1990.

_____. **Fórmula e fábula**: tese de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 44.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

_____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

CANDIDO, A. Antonio Candido. In: _____. **Depoimentos sobre Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva 2011a. p.17-29. (O Caminho do Sertão de João Guimarães Rosa).

CANDIDO, A. Entrevista. **Trans/Form/Ação**, Marília v.34, 2011b, p.3-13.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 11.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. A experiência latino-americana de Antonio Candido (entrevista a Pablo Rocca). **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.12, São Paulo, 2009a, p.18-27.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12.ed. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009b.

_____. **Iniciação à literatura brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007a.

_____. **Teresina etc.** 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007b.

_____. **A educação pela noite**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.

_____. **Tese e antítese**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b.

_____. Jean Maugüe, un obscur éclat. **Europe Revue Littéraire Mensuelle**, Paris, ano 83, n.919-920, p.124-129, Novembre-Décembre, 2005.

_____. **O discurso e a cidade**. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004a.

_____. **Recortes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004b.

_____. **Vários escritos**. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004c.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10.ed. São Paulo: Ed. 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico).

_____. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al (org.). **A personagem de ficção**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002a. p.51-80.

_____. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002b.

_____. **O método crítico de Sílvio Romero** São Paulo: EDUSP, 1988. (Passado & Presente. Teses).

CASTRO, N. L. **Universo e vocábulo do *Grande sertão***. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

CAVALCANTE, M. N. B. Cadernetas de viagem: os caminhos da poesia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.41, p.235-247,1996.

CHIAPPINI, L.; VEJMEKKA, M. (Org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões locais e universalidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COSTA, A. L. M. Poty, parceiro de Rosa. **Livros**, Porto Alegre, n.7, p.1, 1998.

_____. Rosa, leitor de Homero. **Revista da USP**, São Paulo, n.36, dez. 1997-fev. 1998, p.46-73, 1997-98.

COUTINHO, E. F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

COUTINHO, E. F. **Em busca da terceira margem: ensaios sobre o *Grande sertão: veredas***. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

_____. **Guimarães Rosa e o processo de revitalização da língua**. In: COUTINHO, E. F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p.202-234. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

COVIZZI, L. M.; CAVALCANTE, M. N. Critérios para o estabelecimento do texto de *Grande sertão: veredas*. In: WILLEMART, P. et al. (Org.). **II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito**. São Paulo: FFLCH-USP, p.129-133, 1990.

COVIZZI, L. M.; VERLANGIERI, I. V. R. Pequena Bibliografia de João Guimarães Rosa. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, n.41, p.213-232, 1996.

CUNHA, E. **Os sertões**. Edição crítica de W. N. Galvão. São Paulo: Brasiliense; Secretaria de Estado da Cultura, 1985.

DANIEL, M. L. **João Guimarães Rosa: travessia literária**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

FACÓ, R. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SCARPELLI, M. F. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. São Paulo: Senac; Cotia: Ateliê, 2003.

FINAZZI-AGRÒ, E. **Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção de João Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. A força e o abandono: violência e marginalidade na obra de Guimarães Rosa. In: HARDMAN, F. F. (Org.), **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. p.81-94.

FISCHER, L. A. Jovem Schwarz. In: CEVASCO, M. E.; OHATA, M. (Org.). **Um crítico na periferia do capitalismo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007. p.78-95.

FREYRE, G. **Manifesto regionalista de 1926**. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

GALVÃO, W. N. **Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

_____. Guimarães Rosa: um balanço. In: CHIAPPINI, L.; VEJMEKKA, M. (Org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões locais e universalidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009b. p.13-24.

_____. **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica).

_____. **A donzela-guerreira: um estudo de gênero**. São Paulo: Ed. SENAC, 1998.

_____. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. As listas de Guimarães Rosa. In: WILLEMART, P. et al. (Org.). **II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito**. São Paulo: FFLCH-USP, p.135-150, 1990.

_____. **As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas**. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates, 51).

GAGNEBIN, J. M. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. revista. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet, revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva, prefácio de Jeanne Marie-Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.7-19. (obras escolhidas I).

_____. Origem da alegoria, alegoria da origem. **Folha de S. Paulo**. 9 dez. 1984. Folhetim, n.412 (Walter Benjamin). p.8-10.

_____. A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin. **Discurso**, São Paulo, FFLCH-USP, n.13, p.219-230, 1980.

GARBUGLIO, J. C. **Rosa em dois tempos**. São Paulo: Nankin, 2005.

GINZBURG, J. **Benedito Nunes, leitor de Guimarães Rosa**. O Globo, 27 abr. 2013. Disponível em: < <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/benedito-nunes-leitor-de-guimaraes-rosa-494656.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2013.

GOETHE, J. W. von. **Fausto**: uma tragédia. Tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari; ilustrações de Eugène Delacroix, Max Beckmann. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GRECCO, S. As veredas materialistas de Rosa. **Folha de S. Paulo**, 19 set. 1999. Mais!, p.10.

HANSEN, J. A. **O o**: a ficção da literatura em *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

HAZIN, E. **No nada, o infinito**: da gênese de *Grande sertão: veredas*. 330p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

HERÁCLITO. Doxografia e fragmentos. In: SOUZA, J. C.(Supervisão). **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

HOBBSAWM, E. **Bandidos**. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

HOLANDA, S. A. de O. Benedito Nunes e a interpretação crítica de Guimarães Rosa. In: CORDEIRO, R. et al. (Org.). **A crítica literária em perspectiva**. Cotia: Ateliê Editorial, 2013. p.162-175.

JACKSON, K. D. Certo sertão: sessenta anos de fortuna crítica de Guimarães Rosa, **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v.12, 2006, p.323-342.

JACKSON, L. C. O Brasil dos caipiras. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.12, São Paulo, 2009, p.7-87.

_____. Sociologia como ponto de vista. **Tempo Social**, v.18, n.1, São Paulo, 2006.

JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1991.

KAFKA, F. **Réflexions sur le péché, la souffrance, l'espérance et le vrai chemin**. Traduit de l'allemand par Bernard Pautrat. Paris: Petite Bibliothèque, 2001.

LAFETÁ, J. L. **1930**: a crítica e o modernismo. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

LÄMMERT, E. “História é um esboço”: a nova autenticidade narrativa na historiografia e no romance, Tradução de Marcus Vinicius Mazzari, **Estudos Avançados**, São Paulo, v.9, n.23, p.289-308, 1995.

LARA, C. de. *Grande sertão: veredas* – processos de criação. **Scripta**, Belo Horizonte, v.2, n.5, p.41-49.

_____. A edição crítico-genética de *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. In: WILLEMART, P. et al. (Org.). **II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética : Eclosão do Manuscrito**. São Paulo: FFLCH-USP, p.153-165, 1990.

LEITE, D. M. **O Amor romântico e outros temas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007.

LEONEL, M. C. Guimarães Rosa na narrativa brasileira. **Ângulo**. Lorena, n.115, p.114-121, out./dez. 2008.

_____. Viagens rosianas. In: MARCHEZAN, L. G; TELAROLLI, S. (Org.). **Cenas literárias: a narrativa em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002, p. 87-112.

_____. O “primeiro rascunho” de *Grande sertão: veredas*. In: WILLEMART, P. et al. (Org.). **II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito**. São Paulo: FFLCH-USP, p.123-127, 1990.

_____. **Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto**. 349p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

LINS, A. Uma grande estreia. In: _____. **Os mortos de sobrecasaca: obras, autores e problemas da literatura brasileira: ensaios e estudos 1940-1960**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p.258-259.

LORENZ, G. João Guimarães Rosa. In: _____. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo, E. P. U., 1973. p.315-355.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. 2.ed. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009. (Coleção Espírito Crítico).

_____. Thomas Mann e a tragédia da arte moderna. **Ensaio de literatura**. Tradução de Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MACHADO, A. M. **Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARTINS, N. S. **O léxico de João Guimarães Rosa**. 3.ed. revista. São Paulo: EDUSP, 2008.

MAZZARI, M. V. **Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas da literatura comparada**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. Goethe e a história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal. In: Goethe J. W. von. **Fausto: uma tragédia**. Tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari; ilustrações de Eugène Delacroix, Max Beckmann. São Paulo: Ed.34, 2006. p.7-24.

MENESES, A. B. de. **Cores de Rosa**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

MENESES (BOLLE), A. B. de. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MORAIS, M. M. **A travessia dos fantasmas**: literatura e psicanálise em *Grande sertão: veredas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NASCIMENTO, E. M. dos S. In: WILLEMART, P. et al. (Org.). Descrição das duas primeiras edições e do 'segundo rascunho' de *Grande sertão: veredas*. **II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito**. São Paulo: FFLCH-USP, p.151-155, 1990.

NITRINI, S. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2010. (Acadêmica, 16).

NUNES, B. **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

_____. **A clave do poético**. Organização e apresentação de Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

OTSUKA, E. T. Literatura e sociedade hoje. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.12, p.104-115, 2009.

PASSOS, C. R. P. **Guimarães Rosa**: do feminino e suas estórias. São Paulo: Hucitec: Ed. da Fapesp, 2000.

PASTA JR., J. A. O romance de Rosa: temas do *Grande sertão* e do Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, n.55, p.61-70, nov.1999.

PENJON, J. A recepção de Guimarães Rosa na França. In: CHIAPPINI, L.; VEJMEJKA, M. (Org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa**: dimensões locais e universalidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p.82-91.

PINHEIRO, V. S. Apresentação. Benedito Nunes: um encontro poético. In: **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p.7-22.

PONTES, H. Ar de família: a turma de Clima. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.12, 2009, p. 62-73.

_____. **Destinos mistos**: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1948). 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PROENÇA, M. C. Trilhas no *Grande sertão*. In: _____. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. p.153-241.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. T.1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **De l'interprétation**. Paris: Seuil, 1965.

RÓNAI, P. **Encontros com o Brasil**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

RONCARI, L. Guimarães Rosa. In: _____. **O cão do sertão**: literatura e engajamento: ensaios sobre Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Ed. Unesp, 2007. p.15-123.

_____. **O Brasil de Rosa**: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 2004.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 20.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967). Edição, organização e notas de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; tradução de Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

_____. **Ave, palavra**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

_____. **Estas estórias**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

_____. **Diadorim**. Tradução de Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Albin Michel, 1991.

_____. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.

_____. **Sagarana**. 26.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

_____. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.

_____. **Grande sertão: veredas**. 7.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

_____. **Primeiras estórias**. 4.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

_____. **Tutameia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

ROSENFELD, K. Do “volúvel” Machado ao Rosa “romântico”: reflexões sobre o uso da(s) ironia(s) no Brasil. In: FANTINI, M. (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p.214-230.

_____. **Desenveredando Rosa**: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

_____. **Os descaminhos do demo**: tradição e ruptura em *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Edusp, 1993.

ROUANET, S. P. Apresentação. In: BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.11-47.

SAINTE-BEUVE, C. A. **Causeries du lundi**. Paris: Librairie Larousse, 1929.

SARLO, B. Entrevista. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.11, São Paulo, 2009, p.16-21.

SLATER, C. Entrevista. Tradução de Samuel Titan Jr. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.11, São Paulo, 2009, p.22-27.

SCHWARTZ, A. A via-crúcis de Riobaldo. **Folha de S. Paulo**, 30 jun 1996. Mais! Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/30/mais!/5.html>>. Acesso em: 10 jun 2013.

SCHWARZ, R. Leituras em competição. In: _____. **Marinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. 1.ed. São Paulo Companhia das Letras, 2012. p.9-43.

_____. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Que horas são?**: ensaios. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

_____. *Grande sertão*: a fala. **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965a, p.23-27.

_____. *Grande sertão e Dr. Faustus*. **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965b, p.28-36.

SPERBER, S. F. A virtude do jaguar: mitologia grega e indígena no sertão rosiano. **Remante dos Males**, Campinas, n.12, p.89-94, 1992.

_____. **Caos e cosmos**: leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria do Estado de São Paulo, 1976.

STARLING, H. **Lembranças do Brasil**: teoria, política, história e ficção em *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

TOLEDO, M. de A. **Grande sertão: veredas** – as trilhas de amor e guerra de Riobaldo Tatarana. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

UTÉZA, F. **JGR: Metafísica do Grande sertão**. Tradução de José C. Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994.

VASCONCELOS, S. G. T. Homens provisórios: coronelismo e jagunçagem em *Grande sertão: veredas*. **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.321-333, 2002.

_____. **Puras misturas**: estórias em Guimarães Rosa. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Baú de alfaias**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

VEJMEKKA, M. A travessia perigosa: *Grande sertão: veredas* e *Doutor Fausto* em leitura dialógica. **Estudos avançados**, v.23, n.65, 2009, p.299-315.

VIANNA, O. **Instituições políticas brasileiras**. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; Niterói: EDUFF, 1987.

VIGGIANO, A. **Itinerário de Riobaldo Tatarana**. Belo Horizonte: Ed. Comunicação; Brasília: INL, 1974.

VOLOBUEF, Karin. Friedrich Schiller e Gonçalves Dias. **Pandaemonium germanicum**, São Paulo, n.9, p.77-90, abr. 2005.

WAIZBORT, L. **A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WARD, T. S. **O discurso oral em Grande sertão: veredas**. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, 1984.

WELLEK, R. **História da crítica moderna**. v.1. Tradução Lívio Xavier, Hildegard Feist. São Paulo: EDUSP: Herder, 1967.

_____. **Conceitos de crítica**. Introdução e organização de Stephen G. Nichols, Jr.; tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.

WESTON, J. L. **From ritual to romance**. Garden City: Doubleday, 1957.

ZILLY, B. Grande sertão alemão. **Cândido Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**, n.17. p.26-29, dez 2012. Disponível em:
< <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=255>>.
Acesso em 17 de julho de 2015.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 1998. 2 v.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 33.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2004.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

LINS, A. **Sobre crítica e críticos: ensaios escolhidos sobre literatura e crítica literária, com algumas notas de diário de crítica**. Eduardo César Maia (Org.); apresentação de Lourival Holanda. Recife: Cepe, 2012.

POUILLON, J. **O tempo no romance**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1974.

PRADO, P. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962.

PRADO JÚNIOR, C. **Evolução política do Brasil: colônia e império**. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 23.ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Os cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, B. (Org.). **História geral da civilização brasileira**. Tomo 3: O Brasil republicano. v.1: Estrutura de poder e economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1975. p.153-190.

_____. **O mandonismo local na vida política brasileira** (da Colônia à Primeira República): ensaio de sociologia política. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

RAMASSOTE, R. M. Antonio Candido em Assis e depois. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.50, p.105-128, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1995.